



**A Realidade proposta:
Inquietações sobre o gênero reportagem em revista entre 1969 e 1973¹**

Leylianne Alves VIEIRA²

Marcelo Eduardo LEITE³

Universidade de Brasília, Brasília, DF

Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, CE

RESUMO

Este trabalho se propõe a apresentar algumas reflexões que realizamos acerca dos temas abordados em reportagens na revista Realidade, publicação da editora Abril, entre os anos de 1969 e 1973. Este período coincide com o chamado Milagre Econômico, época na qual o crescimento econômico do país se mostrou expressivo, ao passo que, nos textos da revista, encontramos incursões pelo país que se propunham a apresentar uma realidade, em alguns casos, diversa daquela propagandeada pelo governo. Neste espaço, elencaremos algumas características da publicação e do momento político, bem como apontaremos algumas reportagens que acreditamos ser um reflexo do que propunham os integrantes daquela redação.

PALAVRAS-CHAVE: revista Realidade; jornalismo; reportagem; narrativas; Milagre Econômico.

1. AS REVISTAS ILUSTRADAS

As revistas ilustradas têm como característica a junção de duas formas diferentes de narrativa: imagem e escrita transmitem, de forma ora complementar, ora independente, a informação pretendida e, desta forma, ajudam a formular as representações de mundo que o leitor possui em seu subconsciente.

O termo narrar é, por sua vez, segundo Motta (2005, p. 07), “[...] relatar eventos de interesse humano enunciados em um suceder temporal encaminhado a um desfecho. Implica, portanto, em narratividade, uma sucessão de estados de transformação responsável pelo sentido”. Sendo assim, a dupla narrativa das reportagens publicadas em revistas ilustradas tem, obrigatoriamente, que informar acerca de um assunto de

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2014.

² Mestranda do Curso de Comunicação do PPGC-FAC, email: leylianne.av@gmail.com.

³ Professor do Curso de Jornalismo da UFCA, email: marceloeduardoleite@gmail.com.



relevância para aquela sociedade e, por conseguinte, que esteja atrelada àquele momento histórico-cultural.

As revistas ilustradas começam a surgir em meio aos demais veículos de comunicação no final do século XIX, se consolidando nesse cenário no início do século XX. Tais publicações se inserem numa outra dinâmica, na qual os fotógrafos tinham maior autonomia, trabalhando com liberdade de escolha e de criação (NEWHALL, 2006, p. 259). Na Alemanha pode ser observado um expressivo desenvolvimento do segmento na década de 1920, onde existiam ali mais revistas ilustradas que no restante do mundo.

A união de linguagens tornou possível o acesso do público a uma nova forma de tratamento da informação. Na década seguinte, mais precisamente em 1933, com a chegada de Hitler ao poder e todo o controle imposto à imprensa, os profissionais que participavam de tais publicações migram para outros países, nos quais fomentam novas publicações (NEWHALL, 2006, p. 259-260). Neste sentido, o surgimento de *Vu* (1928), na França, *Look* (1937) e *Life* (1936), nos Estados Unidos, e *Picture Post* (1938), na Inglaterra, exemplificam a diversidade de revistas apresentada por este período fundamental para o jornalismo impresso no mundo.

Com relação ao potencial alcançado pelas revistas ilustradas, *Life* é um importante exemplo, tendo em vista o impacto causado no momento da cobertura da Guerra do Vietnã, modificando a opinião pública acerca daquele conflito (KOBRE, 2011, p. 447-448). Neste caso, a fotografia, mais especificamente a narrativa fotográfica, pode ser entendida enquanto informação com importante papel político e social.

No que tange ao jornalismo impresso no Brasil, a disseminação das revistas ilustradas se deu em período semelhante. Logo na primeira década do século XX houve o declínio dos folhetins e a difusão das revistas ilustradas, o que trouxe para os leitores títulos como *Revista da Semana*, *Fon-Fon!*, *Ilustração Brasileira* e *Careta*, entre outras (MUNTEAL; GRANDI, 2005, p. 16). Na década seguinte, em 1928, destaca-se o lançamento da revista ilustrada *Cruzeiro*⁴. Esta publicação contribuiu para o estabelecimento de uma ideia acerca da população brasileira, especialmente entre as décadas de 1940 e 1950. Porém, vale destacar que a mesma “[...] apareceria quase sempre na condição de vítima de uma situação de miséria ancestral e, ao mesmo tempo,

⁴ A revista passou a se chamar *O Cruzeiro* em junho de 1929, nº 30 (COSTA; BURGI, 2012, p. 12).



protagonista de uma luta inglória contra condições sub-humanas de existência” (COSTA; BURGI, 2012, p. 174).

Anos depois, em 1952, é lançada *Manchete*, publicação que se consolidou tendo como característica as coberturas fotográficas realizadas. A revista, lançada por Adolpho Bloch, conquistou o público a partir de reportagens históricas como, por exemplo, a publicada por ocasião da inauguração de Brasília, em 1960 (NASCIMENTO, 2002, p. 17). Segundo Munteal e Grandi (2005, p. 93), a nova publicação tinha por objetivo a ser atingido, por meio das fotografias, “[...] fazer com que até os analfabetos pudessem ‘ler’ os artigos, trazendo uma narrativa visual, independente do texto de suas reportagens”.

A mesma o fazia através da distribuição de imagens de forma diferenciada e publicando grandes reportagens caracterizadas pela condução da notícia por meio de uma quantidade de imagens expressiva. Esta prática foi iniciada por *O Cruzeiro*, revista semanal que atingia grande parcela do público que não sabia ler e que se informava por meio de narrativas visuais, sobretudo a população rural e os moradores de pequenas cidades.

2. A REVISTA *REALIDADE*

Em 1964, o Brasil passa a um regime de ditadura. Conhecidos como anos de chumbo, as imposições deste período atingiram diversos âmbitos da sociedade, incluindo a imprensa. Aquela sociedade, em transformação, cobrava conhecimento, informações acerca do país e da cultura brasileira. Durante este momento, onde a população como um todo passava por mudanças políticas e culturais, é lançada pela Editora Abril, em 1966, *Realidade*.

A publicação se caracterizou por dar espaço a reportagens de cunho social, em um período conturbado da história do Brasil. Faro (1999, p. 13) afirma que *Realidade* pode ser estudada sob ângulos diversos, uma vez que é considerada um marco na história do jornalismo no país.

No ano de 1964, os integrantes das demais publicações da Editora Abril sabiam que a mesma pretendia lançar uma revista semanal. A princípio, a publicação seria denominada *Revista de Domingo* e estaria encartada em jornais de renome, tais como



Folha de S. Paulo, Jornal do Brasil e Diário de Minas. Paulo Patarra⁵, à época diretor da revista *Quatro Rodas*, convidou alguns dos maiores jornalistas do cenário nacional a fazer parte da sua equipe, de forma que poderia lançar a candidatura daquele grupo para a revista em questão.

Carlos Azevedo, um dos repórteres assimilados por *Quatro Rodas*, realizou uma reportagem, a pedido de Patarra, que seria a semente para a nova publicação. Ainda em 1964 traçou um mapa turístico dos agrupamentos indígenas brasileiros, indicando algo impensado ao leitor da publicação: que não visitasse aqueles locais. Este trabalho integrava parte da demonstração que Patarra pretendia dar à empresa de que a equipe estava apta a realizar a revista mensal que viria a ser *Realidade*, após malograr a *Revista de Domingo* (AZEVEDO, 2007, p. 39).

Foram realizados ao menos dois números zero de *Realidade*, sendo que apenas um foi impresso. Durante este percurso, a equipe partilhou um processo no qual delinearão o tipo de jornalismo que pretendiam fazer, bem como a equipe foi integrando novos profissionais. Após ter seu estilo definido, as páginas de *Realidade* estampavam textos baseados em dias, às vezes meses, de apuração. José Hamilton Ribeiro (2010, p. 202) destaca que, em sua visão, as duas principais características de *Realidade* eram a vivência dos repórteres quanto à cobertura das pautas e a qualidade dos textos.

Segundo Severiano (2013, p. 77-78), em 1966 Patarra esquematizou qual seria o formato e o público alvo da revista a ser lançada: uma publicação mensal com cor e papel de qualidade; bem editada; de interesse geral; e com boa escolha de assuntos e qualidade de texto, visando o prestígio junto aos leitores, que seriam aqueles com interesse pelas fotografias e crônicas de *Manchete*, pela variedade de conteúdos de *O Cruzeiro*, pela moda estampada em *Cláudia*, *Jóia* e *Manequim*, por viagens, ciência, mecânica e progresso, como presentes em *Quatro Rodas*, *Mecânica Popular* e *Auto Esporte*, pelo modelo de revistas estrangeiras e, para além disso, os leitores de jornais.

Faro (1999, p. 81) afirma que alguns elementos teriam tornado possível o surgimento de uma revista com as características de *Realidade*. Entre eles, destacamos dois: o quadro

⁵ Nos termos de Maranhão (2008), Paulo Patarra foi aquele que “Conseguiu, durante quase três anos, unir e liderar a equipe da *Realidade*, uma turma que não era nada fácil. Era meticuloso nas pautas, exigente no resultado. [...] Ele conseguia e tinha adesão de toda a equipe para posições que seriam consideradas ‘radicais’ e que poderiam parecer suicidas”, se mostrando um desfalque para a equipe da revista.



político brasileiro, possibilitando a discussão das questões nacionalistas e a visível participação das massas urbanas na sociedade; bem como a necessidade de um acompanhamento das problemáticas, por parte da mídia, da vida nacional, de forma objetiva e efetiva. *Realidade* se diferenciava das demais publicações da época especialmente quanto ao tratamento e apresentação da informação. Moraes (2010, p. 20) dá relevo à semelhança entre os textos da revista e obras literárias, uma vez que naquele espaço se dava a construção de personagens, a descrição de cenas e de diálogos e a variação do foco narrativo.

Realidade denominava-se uma revista de reportagens. Propunha-se a um reconhecimento do Brasil, redescobrimo-o a cada pauta: apresentava outra visão do país aos brasileiros, utilizando-se, como afirmou Almeida (2010, p. 308), de personagens que eram pessoas simples, o que se tornou uma particularidade da revista. A partir destes indivíduos, poderia haver certa identificação entre os leitores e os personagens das reportagens, o que converge com o que diz Motta (2005, p. 08): “Ao narrar, alguém está explorando na sua imaginação possíveis desenvolvimentos (reais ou ficcionais) das condutas e comportamentos humanos [...]”.

Da mesma forma que fazia com os personagens, lidando diretamente com eles, tornando-os próximos ao leitor, *Realidade* o fazia também com relação aos temas abordados: sexo, miséria, fome, mulher, prostituição, enfim, eram tratados de problemas e tabus que assolavam a sociedade, em plenos anos da ditadura militar, contribuindo para uma construção dos pensamentos político e cultural do momento histórico, em consonância com o que se buscava em diversos países nos anos de 1960: “[...] todo tipo de repressão à natureza humana e conservadorismos ligados ao *status quo* social foram alvo de discussões e combates, que iam às vias de fato nas ruas, tornadas campos de batalha” (MORAES, 2010, p. 29).

No final do ano de 1968 a revista passa por modificações em seu quadro de funcionários. Paulo Patarra e grande parte dos repórteres de texto e editores são afastados. No mês de dezembro daquele ano, era publicado, ainda, o Ato Institucional Nº 5⁶, que impunha a repressão e a censura aos meios de comunicação.

⁶ “O AI-5, que, ao contrário dos atos anteriores, vigoraria por prazo indefinido, dava ao presidente, entre outras prerrogativas, o poder de [...] impor censura prévia à imprensa [...] Qualquer vestígio de oposição



Ao mesmo tempo, o Brasil passava por modificações de cunho estrutural, com forte intervenção do Estado, uma vez que tinha início o chamado Milagre Econômico, ocorrido entre os anos de 1969 e 1973 e caracterizado por um modelo de desenvolvimento da economia do país. Neste período, alguns veículos explicitaram seu apoio ao regime, especialmente por meio da publicação de números especiais que exaltavam o crescimento na economia brasileira.

A revista *Manchete*, por exemplo, publica em janeiro de 1969 uma edição especial (322 páginas) intitulada PROGRESSO DO BRASIL, dizeres estes destacados na capa. Além deste exemplo de apoio ao regime por meio da Bloch Editores, outro importante meio para a difusão de um discurso favorável ao governo foi *O Cruzeiro*, que em setembro de 1972 leva às bancas a seguinte capa: BRASIL MAIS BRASIL. Cerca de 300 páginas tratando do desenvolvimento do país. Ambos os exemplos exaltam o modelo de desenvolvimento, dedicam apoio à ditadura, além de colaborarem com a construção de um discurso que favorece o momento. O intuito é, entre outros, o apoio da classe média ao regime, em um período no qual a violência praticada começa a incomodar determinados setores da sociedade.

Neste contexto histórico-cultural, porém, a revista *Realidade*, segundo levantamentos realizados na coleção da revista⁷, continua a abordar, no entanto com uma roupagem mais branda, temas ligados às problemáticas sociais. Nas palavras de Audálio Dantas, um dos repórteres da segunda fase, algumas matérias desta época “[...] demonstram como você podia mostrar que o país estava em situação de penúria, isso é nos anos 70, enquanto a ditadura dizia que esse é o país que vai pra frente, aquela coisa toda”⁸.

3. NARRATIVAS E CONTEXTO SÓCIO-CULTURAL

Academicamente, *Realidade* é tida como uma publicação que contribui para a apreensão dos contextos social, político e cultural das décadas de 1960 e 1970, tendo sido estudada nas disciplinas história, linguística e comunicação, por exemplo. De acordo com o

seria sufocado. Como definiria a crônica política, o AI-5 foi o golpe dentro do golpe, o início dos Anos de Chumbo” (PILAGALLO, 2004, p. 65).

⁷ Realizamos trabalho de pesquisa junto à revista *Realidade* desde o ano de 2010, na qual nos debruçamos sobre as reportagens publicadas acerca de personagens do Brasil, o fotojornalismo autoral e, sobretudo, buscamos entender as relações entre este veículo e suas formas de representações imagéticas e de construção de um discurso específico.

⁸ Extraído do site do projeto “Realidade: o fotojornalismo (autoral) de uma revista”. Disponível em: <<http://realidade.cariri.ufc.br/index.php/depoimentos/62-audalio-dantas>>. Acesso em: 26 set. 2013.



levantamento que realizamos, estas pesquisas não dedicam espaço às reportagens que trataram de problemáticas sociais no decurso da Ditadura Militar, tampouco atendem àquela que é considerada a segunda fase da publicação (1969-1973).

Devemos considerar que qualquer narrativa está atrelada diretamente ao contexto no qual foi escrita e/ou publicada. Neste sentido, *Realidade* se mostra uma importante possibilidade de leitura de sua época. A revista se propunha a desvendar aspectos do país ainda pouco conhecidos, enfatizando questões de interesse nacional, o que potencializa o viés crítico de um jornalismo que busca uma aproximação para com a realidade social em questão.

Os personagens das reportagens de *Realidade* fazem parte de uma outra possibilidade de representação da sociedade brasileira da época. Sendo tratados ali de forma diferenciada daquela observada nos demais veículos contemporâneos da mesma, em termos de revistas ilustradas, ela dá voz e o direito de ser apresentada ao Brasil àqueles sujeitos.

Assim, entendemos que analisar as temáticas abordadas por *Realidade*, bem como as representações construídas em forma de dupla narrativa midiática, se faz necessário, a fim de lançar luz sobre como se deu uma possível construção das diversas representações do país naquela época, estando as mesmas, necessariamente, inter-relacionadas com a atualidade.

Deter-se sobre a análise de como as temáticas foram abordadas por *Realidade*, buscando identificar quais personagens fazem parte das narrativas e o que foi relatado, se apresenta como uma forma de buscar compreender como se deu a reflexão acerca das contradições da sociedade brasileira, partindo das contribuições de uma revista de grande circulação⁹.

A partir desta análise, será possível fazer considerações acerca da sociedade, da cultura e, em particular, do jornalismo brasileiro, uma vez que este veículo é tido como um dos mais importantes da história do país. Além disso, realizar um estudo que contemple esta

⁹ Em fevereiro de 1967, no nº 11, *Realidade* atingiu uma tiragem de 505.300 exemplares. Vale destacar que, segundo o Censo Demográfico da época, a população brasileira no início da década de 1960 era de cerca de 71 milhões de habitantes, ao passo que em 1970 passava de 94 milhões. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=4&uf=00>>. Acesso em: 26 set. 2013.



temática na atualidade é, por meio da história do jornalismo, dar possibilidade à sociedade de compreender como a mesma foi representada durante a Ditadura Militar.

4. UMA PROPOSTA DE PESQUISA

Desta forma, a pesquisa que aqui propomos objetiva entender como as temáticas acerca das desigualdades sociais no Brasil, em oposição ao discurso oficial do Regime Militar, foram tratadas pelo gênero reportagem na revista *Realidade*, entre os anos de 1969 e 1973. Propomos isso tendo em vista que esta publicação se definia como uma *revista de reportagens*.

O estudo pretende deter-se sobre as possibilidades narrativas utilizadas na publicação, tendo por finalidade informar o leitor acerca das problemáticas sociais em tempos de censura. Destacamos que o perfil da publicação e daqueles que nela trabalharam permitiu, mesmo após o Ato Institucional N° 5, que reportagens com temáticas semelhantes às publicadas na primeira fase da revista fossem levadas às bancas.

Visando atingir tal objetivo, propomos a análise das reportagens publicadas buscando entender como se deu a abordagem realizada em cada caso. O foco está em entender a construção de narrativas acerca de um Brasil que, ao mesmo tempo em que passava por fortes mudanças na economia, também deixava transparecer problemas de caráter social. Em meio aos trabalhos publicados entre os anos de 1969 e 1973, podemos destacar a presença significativa de reportagens que enfatizam a miséria e as condições precárias de vida no interior do país, dando espaço a aspectos como fome, educação e saúde.

Desde o ano de 2011 realizamos uma sequência de aproximações junto à revista *Realidade*, tanto na sua primeira fase, entre 1966 e 1968, o que deu origem a um trabalho de conclusão de curso, quanto na segunda, entre 1969 e 1973. Nesse percurso preliminar, selecionamos alguns temas pertinentes com a posposta de estudo que aqui lançamos.

Dentre as reportagens selecionadas como representativas deste segundo momento¹⁰, destacamos o valor documental do mesmo. A seguir elencamos algumas já analisadas

¹⁰ Todas se encontram digitalizadas, em formato de página dupla.



em trabalhos anteriores, a partir de suas temáticas e formas de abordagem. Parte expressiva deste material faz referência a uma parcela do Brasil que se distancia do discurso ligado à urbanização, atrelado ao modelo de progresso propagandeado pelo governo.

*O canavial esmaga o homem*¹¹, *Povo caranguejo*¹² e *30 dias na ilusão do garimpo*¹³, por exemplos, são reportagens que se opõem ao modelo no qual a classe urbana predomina em relação à rural. Em todos estes textos, os personagens se apresentam enquanto trabalhadores que lidam de forma direta com a natureza, buscando nela formas de sobrevivência que se distanciam da industrialização e dos grandes centros.

No tocante à educação e às dificuldades de alfabetização, duas reportagens se destacam: *Uma aventura, a professorinha*¹⁴ e *Eu sou João, homem sem leitura*¹⁵. Por meio destes dois personagens, *Realidade* deixa transparecer os déficits em relação à educação no país, onde o número de professores e escolas é insuficiente e o material físico não atende às demandas, fatores que dificultam o acesso das classes mais baixas à educação.

As desigualdades também podem ser observadas em *É o trem do diabo*¹⁶, *Quem é o homem no fundo do poço?*¹⁷ e *Judite pode morrer porque não tem CR\$ 132,00*¹⁸, tratando a primeira das emigrações causadas pelas dificuldades encontradas na região sudeste, a segunda das complicações de se manter a família ganhando apenas um salário mínimo e a terceira de doenças aparentemente simples, mas que maltratam uma parcela da sociedade brasileira que não tem condições de realizar tratamentos de saúde. Estas reportagens aludem a um povo que está à margem, lidando com dificuldades econômicas, que não usufrui das mudanças na economia brasileira.

Realidade ainda estampa reportagens cujas temáticas abordam a questão da infância, da criança com dificuldades sociais. *Quero ser seu filho. Posso?*¹⁹ e *Neste minuto morre*

¹¹ Publicada em janeiro de 1970, nº 46, com texto de Jorge Andrade e fotografias de Jean Solari.

¹² Publicada em março de 1970, nº 48, com texto de Audálio Dantas e fotografias de Maureen Bisilliat.

¹³ Publicada em agosto de 1971, nº 65, com texto de José Leal e fotografias de Geraldo Guimarães.

¹⁴ Publicada em abril de 1970, nº 49, com texto de José Carlos Marão e fotografias de Claudia Andujar.

¹⁵ Publicada em setembro de 1970, nº 54, com texto de José Hamilton Ribeiro e fotografias de Amâncio Chiodi.

¹⁶ Publicada em maio de 1969, nº 38, com texto de Patrício Renato e fotografias de Claudia Andujar.

¹⁷ Publicada em janeiro de 1971, nº 58, com texto de Audálio Dantas e fotografias de Jean Solari.

¹⁸ Publicada em maio de 1971, nº 62, com texto de Haydée Dourado e fotografias de Maureen Bisilliat.

¹⁹ Publicada em dezembro de 1969, nº 45, com texto de Jorge Andrade e fotografias de Maureen Bisilliat.



*uma criança*²⁰, por exemplo, tratam da situação na qual vivem as crianças brasileiras. Algumas, em orfanatos, esperam pela adoção, outras morrem todos os dias das chamadas ‘doenças de menino’, as quais os pais não conseguem identificar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tais trabalhos, publicados em revista de grande público leitor, nos parece, tiveram um papel importante no questionamento de certa identidade nacional publicizada pelo regime militar, em especial com o apoio da mídia, cuja característica principal era ignorar as desigualdades e contradições do país.

Notamos a busca frequente por um questionamento do discurso governista em várias frentes por *Realidade*, possibilitando ao leitor refletir sobre os fatos omitidos pelo discurso governista. Apesar das dificuldades impostas pela censura, a revista apresentou temáticas e reportagens que se preocupavam em desvelar um Brasil diferente, um país que não se fazia mostrar em outros discursos, mas que podia ser observado de perto nas mais variadas regiões do país.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ligia Martins de. Gente simples, gente boa - Gente brasileira. In: RIBEIRO, José Hamilton; MARÃO, José Carlos. **Realidade Re-vista**. Santos: Realejo Edições, 2010. p. 307-309.

AZEVEDO, Carlos. **Cicatriz de Reportagem**: 13 histórias que fizeram um repórter. São Paulo: Editora Papagaio, 2007.

COSTA, Helouisa; BURGI, Sérgio (Org.). **As origens do fotojornalismo no Brasil**: um olhar sobre O Cruzeiro. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012.

Dantas, Audálio. Audálio Dantas: depoimento [15 abr. 2013]. Entrevistadores: Carla Adelina Craveiro Silva e Marcelo Eduardo Leite. São Paulo SP, 2013. Entrevista concedida ao Projeto Realidade: o fotojornalismo (autoral) de uma revista. Disponível em: <<http://realidade.cariri.ufc.br/index.php/depoimentos/62-audalio-dantas>>. Acesso em: 26 set. 2013.

FARO, José Salvador. **Revista REALIDADE – 1966-1968 – Tempo de reportagem na imprensa brasileira**. Ulbra/AGE, 1999.

KOBRE, Kenneth. **Fotojornalismo**: uma abordagem profissional. São Paulo: Campus/Elsevier, 2011.

²⁰ Publicada em fevereiro de 1970, nº 47, com texto de Audálio Dantas e Talvani Guedes da Fonseca e fotografias de Luigi Mamprin.



MARÃO, José Carlos. **Ele desafiou a vida e o jornalismo**. 2008. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ele-desafiou-a-vida-e-o-jornalismo>>. Acesso em: 12 set. 2013.

MORAES, Vaniucha de. **Realidade (Re)vista: O Papel do Intelectual na Concepção de um Projeto Revolucionário**. 2010. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

MOTTA, Luís Gonzaga. **Narratologia: teoria e análise da narrativa jornalística**. Brasília: Casa das Musas, 2005.

MUNTEAL, Oswaldo; GRANDI, Larissa. **A imprensa na história do Brasil: fotojornalismo no século XX**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio/Desiderata, 2005.

NASCIMENTO, Patrícia Ceolin. **Jornalismo em revistas no Brasil: um estudo das construções discursivas em Veja e Manchete**. São Paulo: Annablume, 2002.

NEWHALL, Beaumont. **Historia de la Fotografía**. 2 ed. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, 2006.

PILAGALLO, Oscar. **A história do Brasil no século 20: (1960-1980)**. São Paulo: Publifolha, 2004.

POPULAÇÃO nos Censos Demográficos, segundo as Grandes Regiões e as Unidades da Federação - 1872/2010. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=4&uf=00>>. Acesso em: 26 set. 2013.

SEVERIANO, Mylton. **Realidade: história da revista que virou lenda**. Florianópolis: Insular, 2013.